

CAPÍTULO I

Em Busca da Liberdade

Eu partira do Brasil, onde possuía uma plantação de fumo. Ia num barco de seis canhões e quatorze tripulantes, com destino à África. O barco levava um pequeno carregamento de mercadorias para negociar.

Aqui tem início a aventura principal de minha vida, mas talvez queiram saber o que fiz antes disso e como cheguei a ter coragem de arriscar tudo o que tinha para entregar-me aos caprichos do mar que tanto amo.

Devo dizer, então, que fui um menino como muitos outros... mas desde cedo aprendi a fazer valer minha vontade e minha opinião.

Meus pais queriam que eu tivesse por profissão a advocacia — ou qualquer outra que estivesse à altura do nome da família. Mas nunca dei importância a nome de família; queria, isto sim, descobrir os segredos do mundo, vivendo a vida que tinha escolhido para mim. Achava que meu futuro teria que ser decidido por mim e não pelos outros. E ainda acho.

Desculpem, pois nem me apresentei ainda. Meu nome é Robinson Crusoe. Nasci na cidade de Iorque, Inglaterra, em 1632. Vou contar alguns detalhes sobre minha família, para que vocês possam ter uma idéia da minha infância. Éramos três irmãos, sendo eu o mais moço. O mais velho tornou-se oficial do Exército inglês e encontrou a morte numa batalha contra os espanhóis, próximo a um porto ao Norte da França, chamado Dunquerque. O segundo era parecido comigo: também gostava de viajar. Mas teve menos sorte, pois desapareceu para sempre, numa de suas viagens.

aos caprichos = vida perigosa
tivesse ...advocacia = fosse advogado
os segredos do mundo = a vida em todo lugar
encontrou a morte = morreu

Nasci na Inglaterra porque meu pai, um alemão natural de Bremen, resolveu emigrar para aquele país, estabelecendo-se inicialmente na cidade de Hull, como comerciante. Depois, apesar de ter obtido sucesso, decidi sair de Hull e mudou-se então para Iorque, onde conheceu minha mãe, que pertencia à tradicional família Robinson. O nome Crusoe vem de meu pai: antes, seu sobrenome era Kreutznaer, um complicado nome alemão. Com a mudança para a Inglaterra, ele resolveu adaptá-lo ao idioma inglês. Assim surgiu *Crusoe*. E, em conseqüência, o nome que me deram.

É possível que vocês estejam um pouco cansados dessas histórias de família. Eu também cansei. E um dia fui passear em Hull e encontrei um amigo que estava de viagem para Londres. Navegava num barco de parentes e me ofereceu a passagem de graça. Pensei em meus pais e nos conselhos que ouvira contra minhas idéias de aventura. Sabia que jamais consentiriam que eu partisse. Eu teria, pois, que escolher: ou me sujeitaria à vontade deles ou levaria avante meu ousado ideal e assumiria a responsabilidade pelo que me pudesse suceder de bom e de mau.

Tinha então dezenove anos e essa era uma decisão muito importante para mim, pois envolvia um grande risco. As viagens que fiz não foram tranqüilas como deverão ser, espero, no tempo em que viverem as pessoas para as quais escrevo. As embarcações eram rudimentares e freqüentemente se desgovernavam, acabando por espatifar-se contra o que lhes aparecesse no caminho.

Mas risco ainda maior era romper com meus pais e partir sem um tostão no bolso. Contudo, “é preciso partir!” — pensei. — “Pássaro adulto é o que voa do ninho... — dizia a mim mesmo — ...em busca de seu próprio sustento.”

emigrar = mudar-se

tradicional = antiga e conhecida

adaptá-lo = fazê-lo parecido

rudimentares = antigas e sem segurança

se desgovernavam = perdiam a direção

voa do ninho = sai de casa

Enfim, decidi-me. Em alguns segundos, às vezes, se decide uma vida. Seria melhor que meus pais soubessem por terceiros — quando eu já estivesse longe, no mar que sempre fora um sonho para mim.

No dia 1.º de setembro de 1651, vi as âncoras subirem e senti o sopro do vento que dava vida à vela do barco — e à minh'alma também. Vi o cais afastando-se e meu sonho transformando-se em realidade. Mas, quando um sonho se toma real, quase nunca corresponde, integralmente, às promessas da imaginação. Parece oferecer-nos muito pouco, em relação ao que esperávamos. Depois, porém, percebemos que, apesar dos pesares, sempre compensa transformar um sonho em realidade.

Foi duro suportar a primeira tempestade que presenciei a bordo. O mar estava furioso. Ondas gigantescas varriam o convés de lado a lado, quebrando mastros e rasgando velas, enquanto o vento parecia possuído por todos os demônios. Tive medo, sem dúvida, mas não o suficiente para desistir.

Suportando com valentia os transtornos da primeira viagem, cheguei a Londres e logo parti para a Guiné, de onde trouxe pó de ouro para vender na Inglaterra. Voltei depois em busca de mais ouro, mas um acontecimento terrível me aguardava: no meio do caminho, o barco foi atacado por piratas mouros, na costa de Marrocos, e toda a tripulação foi levada pelos corsários, como presa de guerra. Transformaram-nos em escravos. E assim vivi dois anos. Não lhes vou narrar o que me sucedeu nesses dois anos, pois quero chegar logo à aventura principal de minha vida, que creio ser a de maior interesse. Contudo, peço-lhes que imaginem o que é ser escravo de piratas, durante dois anos, em Marrocos.

por terceiros = por outras pessoas
dava vida = movimentava
promessas da imaginação = sonhos
me sucedeu = me aconteceu

Ao fim desse tempo, encontrei meios de escapar num barco improvisado, e acabei tendo a sorte de ser recolhido por um navio português, que me levou ao Brasil.

No Brasil juntei dinheiro e me tornei plantador de fumo, como vocês já sabem. Mas preferi ser fiel à minha necessidade de aventura. E embarquei novamente para a África.

Vai começar, enfim, a viagem que vocês esperam que eu conte.

Equipamos um barco de cento e vinte toneladas e deixamos o cais a 1.º de setembro de 1659. Eu tinha, então, vinte e sete anos.

improvisado = feito às pressas

ser fiel = atender

cais = porto

CAPÍTULO II

O Naufrágio

Levávamos a bordo objetos sem valor mas que agradavam aos nativos da África: contas para colares, pedaços de cristais coloridos, espelinhos, canivetes, tesouras e machadinhas.

Enquanto costeamos terras brasileiras, tudo foi fácil, apesar do calor sufocante. Pouco a pouco, encaminhamo-nos para o alto-mar, perdendo a terra de vista. Segundo nossos cálculos, estávamos a sete graus de latitude norte quando um violento furacão nos desgovernou.

O sopro do vendaval era terrível. E durou doze dias, durante os quais nos arrastou como se fôssemos bonecos em um barquinho de papel. Eu e meus companheiros sentimos que a morte estava realmente próxima: a fúria do vento nos carregava, carregava... cada vez mais para longe, fora do alcance de qualquer possível auxílio humano. Para dois dos nossos, tal pressentimento tornou-se realidade: um morreu de febre e o outro arrebatado por uma onda.

O tempo melhorou depois de doze dias, mas o barco perdera a batalha: estava todo quebrado — como um valente lutador depois de uma luta desigual.

Ao consultarmos um mapa, constatamos que estávamos longe de qualquer região habitada; ninguém, portanto, poderia auxiliá-nos. Era certo que o barco não seria capaz de prosseguir viagem para a África, nem de regressar ao Brasil. Nossa esperança restringia-se a algumas ilhotas de administração inglesa, situadas na América Central, que esperávamos poder alcançar em breve.

nativos da = nascidos na
sopro do vendaval = força do vento
auxílio humano = ajuda de alguém
pressentimento = sentimento
prosseguir = continuar
regressar = voltar
restringia-se a = era apenas

Mas nosso azar com aquela viagem era realmente grande: outra tempestade modificou-nos novamente o rumo, dessa vez nos tirando definitivamente a possibilidade de aportarmos em qualquer terra habitada.

Ao amanhecer, após uma noite de tormenta, ouvi um grito: “Terra à vista!”. Saímos dos camarotes para ver do que se tratava e fomos surpreendidos por uma onda que jogou o barco contra um banco de areia. Ondas incessantes ameaçavam esmagar o que restava da embarcação, outrora bela e confortável.

— Que estranho lugar — comentou comigo um companheiro.
— Aposto que seremos os primeiros civilizados a pisar nesta terra.

— O pior é que não se pode dizer o mesmo com relação aos animais. Deve haver muitas feras por aqui. Além disso, não estou certo de chegarmos em terra com vida — respondi-lhe.

Mal pronunciara essas palavras percebi que a fúria do mar abria a primeira brecha no casco do navio. Apelamos então para uma pequena embarcação de salvamento, que transportávamos no barco. Mas, contra o mar enfurecido, que se poderia esperar de uma simples canoa, quase uma casca de noz?

Toda a nossa esperança, porém, estava dependendo do que se pudesse obter com a canoa. E ela resistiu, durante quatro horas, num heróico combate com as ondas. Então foi virada e rapidamente afundou. Assim como a canoa, um de meus companheiros deu um longo mergulho sem retorno. Agora, éramos onze. Onze naufragos travando com o mar uma luta impossível.

O instinto de conservação fez-me nadar em direção a terra sem hesitação nem perda de tempo, pois um minuto de retardo, numa situação dessas, pode resultar na morte.

fúria do mar = força das águas

naufragos = nome que se dá às pessoas que estão em uma embarcação e esta sofre um naufrágio, isto é, afunda.

instinto de conservação = vontade de viver

hesitação = dúvida

No final eu já não tinha forças para nadar; era carregado pelo mar, como um tronco de árvore. E uma onda, enfim, me depositou na praia.

Estava meio morto de cansaço, mas com um desejo muito forte de sobreviver. Animado por ele, pus-me de pé. Começava a andar, quando uma onda mais forte me ajudou, atirando-me longe, de encontro à areia.

Senti então a terra firme sob meu corpo e respirei fundo, imóvel sobre a areia úmida, sem poder acreditar que havia conseguido salvar-me. Mas era verdade: eu estava vivo e salvo.

CAPÍTULO III

A Primeira Viagem ao Barco

A alegria por ter escapado desapareceu quando pensei em meus companheiros. Era terrível a incerteza: que lhes teria acontecido? Talvez estivessem todos mortos, talvez alguns tivessem tido a mesma sorte que eu. Deles tinha visto, apenas, depois do naufrágio, alguns bonés e sapatos carregados pelas ondas.

Muitos outros problemas igualmente sérios me abalavam o ânimo: estava encharcado e não dispunha de roupa para mudar; tinha fome e sede, e nada para comer ou beber. A única perspectiva possível era a morte: morrer de fome ou devorado pelos animais selvagens — eis minha alternativa.

Ao anoitecer, refleti tristemente sobre a situação. Aquele mundo desconhecido onde me encontrava certamente era habitado por feras, que costumam rondar nas trevas, à procura de presas. “Talvez não veja o sol nascer amanhã” — pensei.

A única defesa aconselhável seria subir numa árvore e lá meditar sobre o tipo de morte que o dia seguinte me reservaria. Mas antes disso caminhei pelos arredores, terra adentro, para ver se encontrava água doce para beber. Por sorte, logo adiante encontrei um pequeno manancial, e em seguida passei a mascar um pedaço de fumo para enganar a fome, enquanto subia na árvore escolhida para refúgio.

Todo meu desejo, então, era mergulhar num sono de pedra e com isso afastar por algum tempo as preocupações.

me abalavam o ânimo = me preocupavam
perspectiva = idéia
alternativa = escolha
rondar nas trevas = andar pelas noites.
manancial = nascente de água
de pedra = profundo

Quando o medo nos domina, o melhor caminho de fuga é dormir. E não precisei concentrar-me muito, pois a luta contra as ondas me esgotara as forças. Assim, dentro em pouco, estava imerso num sono profundo e reparador.

Ao acordar, o sol estava a pino e o céu azul. Tudo era calma naquele trecho de praia e também o mar estava tranqüilo. O barco, para minha grande surpresa, mantivera-se apoiado no banco de areia. Já todo avariado, mas ainda no mesmo lugar. Eu ignorava se ele poderia permanecer para sempre ali encalhado, como recordação de minha tragédia, ou se iria finalmente afundar, nas próximas horas ou mesmo minutos. Sabia, porém, o quanto era importante que ele resistisse por mais algum tempo. Porque tentaria alcançá-lo, para apanhar todos os objetos que se tivessem mantido mais ou menos utilizáveis. E a fome me dava um ânimo todo especial, pois me lembrava que existiam no barco vários barris de mantimentos.

Foi sem grande dificuldade que me aproximei dele, pois o mar estava tranqüilo. A volta é que talvez não fosse nada fácil. Uma coisa era nadar sozinho; outra seria transportar fardos pesados, utilizando-me apenas de umas toras, que havia encontrado no barco e que amarrara em seguida, para improvisar uma jangada. Essa preocupação diminuiu a alegria que senti ao verificar que as provisões do navio não tinham sido atingidas pela água.

Depois de amenizar um pouco a fome com alguns biscoitos, coloquei em três cofres algumas provisões — tais como pão, arroz, queijo, carne-seca, trigo etc. — e também bebidas (água mineral e aguardente), roupas, ferramentas, armas e munições. Eu encontrara, no camarote do capitão, três espingardas e dois fuzis em muito bom estado, e ainda duas pistolas, um facão, alguns cartuchos de pólvora, um saco com chumbo e duas velhas espadas.

avariado = estragado

um ânimo todo especial = uma forte razão

provisões = alimentos

amenizar um pouco = enganar

Lembrava-me de que havia mais alguns cereais entre as provisões, mas depois observei, pelos seus restos, que os ratos do navio os descobriram antes de mim. Em compensação, tive a alegria de ver que dois dos três barris de pólvora que transportávamos estavam secos e em condições de aproveitamento. Tentaria transportá-los também.

Arrastada pela correnteza, minha frágil jangada foi parar a vários quilômetros do local em que eu pernoitara. Para sorte minha, nenhum dos volumes se perdeu durante a viagem.

Ao pisar novamente aquele solo estranho, decidi subir ao topo de uma montanha que se avistava a certa distância.

Com um fuzil e uma pistola, um cartucho de pólvora e um saquinho com chumbo, lancei-me à subida da montanha. Percebi então, com clareza, que me encontrava numa ilha e que não havia sinal visível de habitação humana.

em compensação = por sorte
pernoitara — passou a noite
solo estranho = terra desconhecida

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

